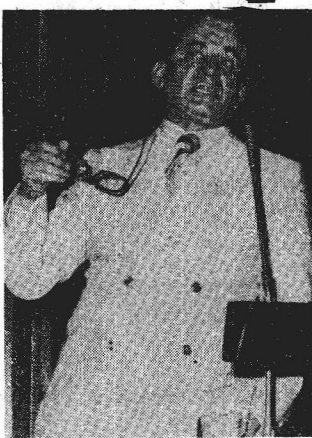


Brossard condena escolha. Eurico refuta: "Ele odeia o presidente"

Um longo discurso do senador Paulo Brossard, líder do MDB no Senado, em que considerou o processo da escolha dos governadores estaduais "um soberano desrespeito aos Estados, transformados em capitânicas hereditárias", provocou intensa movimentação em plenário, ontem à tarde.

Ao responder, o líder da Arena, Eurico Rezende, interpretou seu pronunciamento como uma manifestação de ódio pessoal ao Presidente Geisel, "estratégia para agradar a setores mais agitados do MDB", além de fingimento no elogio que o oposicionista fez ao senador Magalhães Pinto.

Eurico Rezende não aceitou a afirmativa de que Geisel seja "a mais robusta encarnação do poder pessoal em toda história do Brasil".



Eurico viu ódio nas críticas do MDB



Brossard é cumprimentado por Magalhães e emedebistas após deixar a tribuna

Acusando o presidente Ernesto Geisel de ser "a mais robusta encarnação do poder pessoal em toda a história do País", o senador Paulo Brossard, líder do MDB, considerou uma fraude o processo de escolha do General João Baptista Figueiredo para sucedê-lo, bem como os futuros governadores e senadores biônicos, ao concluir, ontem no Senado, a longa análise da mensagem presidencial dividida em quatro pronunciamentos.

Ao responder ao líder do MDB o senador Eurico Rezende, líder do Governo, viu na sua manifestação "ódio pessoal ao presidente Geisel", "estratégia para agradar setores mais agitados do MDB" e "fingimento" no elogio ao senador Magalhães Pinto. Demonstrando indignação, Rezende repetiu várias vezes a expressão "a mais robusta encarnação do poder pessoal" e enfatizou: "Isto reflete não um grau de paixão política, mas o ódio esclerosado. É lixo indesejável lançado nos anais desta Casa. Uma inverdade".

ELEIÇÃO INDIRETA

Num discurso de 53 laudas (o anterior tinha 49), ouvido atentamente, entre outros, pelos senadores Magalhães Pinto e Teotônio Vilela e pelo ex-ministro Severo Gomes, que estava na bancada de imprensa, o senador Paulo Brossard deu por encerrada a tarefa que se atribuiu de criticar, de forma minuciosa e contundente, a mensagem enviada pelo Presidente da República, ao Congresso Nacional, à abertura dos seus trabalhos deste ano legislativo. O líder emedebista dividiu seu pronunciamento em duas partes. Na primeira (a institucional) tratou das mudanças introduzidas na Constituição pelo pacote de abril, para assegurar a eleição indireta dos governadores e de um terço do Senado. Na segunda parte Brossard apresentou denúncias de corrupção e defendeu a anistia (não "ampla e irrestrita") como pretendem setores da Oposição.

TRAGICOMÉDIA

O líder do MDB iniciou com crítica à escolha dos governadores ("uma cena trágica-cômica"), o que não lhe pareceu corresponder à intenção expressa pelo Presidente Geisel de, com o pacote de abril, promover a "democratização e liberalização maiores dos costumes políticos". E disse que a escolha "foi feita e será feita pelo Presidente Geisel e pelo General Figueiredo, só por eles". O papel das convenções, segundo Brossard, "será o de aprovar a escolha do Planalto e nada mais". O líder oposicionista observou "nessa inqualificável cena pseudoeleitoral, até o grande São Paulo se viu convertido em Capitania e aguarda o seu Martim Afonso de Souza, a ser despachado da Corte".

"A ninguém ocorreu - indagou - que, fosse esse o sistema vigente antes de 64, não teria havido condições para o movimento de 31 de março? Ao casuísmo oportunista nada ocorre senão a posse do poder, de qualquer modo, e sua conservação de qualquer maneira. Este é o fruto dos anos de arbitrio, progressivamente praticado, este o resultado do abandono dos ideais de 64. E quando alguém se rebela contra esse crime contra a Nação, logo passa a malvisto, suspeito ou subversivo".

Ocupando a tribuna em seguida a Brossard, o senador Eurico Rezende, preliminarmente, as críticas a eleição indireta, lembrou que ainda vivemos num processo revolucionário e que este processo não pode prescindir da intervenção e do con-

trole, para que a Revolução atinja seus objetivos. O líder da Arena afirmou que a escolha dos governadores foi precedida de pesquisas. As lideranças autênticas foram ouvidas. E de todo este trabalho está resultando a indicação dos futuros governadores, atendendo ao "máximo de consenso com o mínimo de divergência", como bem sentenciou o general Figueiredo. Quanto a escolha do general Figueiredo, Rezende admitiu que "ela obedeceu, realmente, a indicação do presidente Ernesto Geisel. E explicou que Geisel "está no ápice da pirâmide de informações" e, nessas condições, dispunha de meios "para avaliação do candidato que, no momento, melhor poderia consultar aos interesses da Revolução e do país, que se confundem". O presidente Geisel disse Rezende, "com senso profundo do cumprimento do dever, indicou o nome do ilustre chefe do SNL, homem que com ele convive há muito e por isso mesmo está profundamente familiarizado com os interesses nacionais, além de ser interpretador fiel dos ideais revolucionários".

O senador Brossard, prosseguindo, atacou as oligarquias estaduais associadas à oligarquia federal, a interferência de alguns presidentes na própria sucessão, levaram ao tumulto, carcomida e desacreditada, a República que se deu de chamar de República Velha. Contra ela foi feita a revolução de 30. Cinquenta anos decorridos, o pacote de abril veio institucionalizar todos os abusos da República Velha". E disse mais: "as reivindicações fundamentais de 1930, anunciadas por Antônio Carlos, seriam hoje atuais, mas insuficientes pois não ocorria então, como ocorre hoje, um homem, por ato próprio, pôr em férias o Congresso para alterar de alto a baixo a chamada "Constituição", dilatando período presidencial, liberando do voto os governadores, estabelecendo a nomeação de um terço do Senado e nomeando a seguir o seu sucessor, o suplente do seu sucessor, os governadores, vice-governadores e ainda os biônicos. Deixando de ser "o primeiro magistrado da Nação", decretando num exclusivismo odioso, a interdição de milhões de brasileiros, lavrando a separação entre irmãos, que nenhum brasileiro tem o direito de fazer, tudo para assegurar a permanência no Poder de uma facção, que no poder não se conservaria pelo voto popular".

DESCRÉDITO DO PODER

O senador Eurico Rezende não concordou com esta afirmativa de Brossard, atribuindo a um "surto de passionalismo". E lembrou que a Arena é maioria no Congresso e na quase totalidade das assembleias legislativas. Nas eleições municipais de 76, obteve seis milhões de votos a mais que o MDB. "Que autoridade tem o senador Paulo Brossard para afirmar que o poder está sendo exercido contra a vontade popular? - indagou o líder da Maioria. Mas Brossard voltou a carga, falando sobre "o crescente descrédito do poder". Disse ele: "As palavras não são minhas, mas eu as adoto. E indago se ninguém vê, se ninguém sente, se ninguém reconhece esse fenômeno fatal e se ninguém pressente e antevê o que daí possa suceder".

Quanto a este trecho do discurso de Brossard, Eurico Rezende disse que o propósito do orador, com conceitos dessa ordem, é "desmoralizar o princípio da autoridade". E enfatizou: "Ele quer criar imagem depreciativa para o poder diante da opinião pública, e assim servir a designios evidentemente inconfessáveis. Trata-se de um trecho de seu discurso que merece a mais profunda repulsa porque não se coaduna com a prudência do líder, não revela compromisso com a ordem. Porque está cheio de insinuações evidentemente deletérias e por isso mesmo contrária aos interesses nacionais. O senador Paulo Brossard foi infeliz porque voltou a prestar serviço a quem está descompromissado com o Brasil. Este conceito ele deve ter manifestado para aquela minoria emedebista que teria tentado levar o país a descaminhos perigosos não fora a esmagadora maioria da Oposição, que deseja soluções naturais para nossos problemas. Foi infeliz também

ao concordar com o alegado descrédito do poder".

PODER PESSOAL

O senador Paulo Brossard condenou a afirmação do presidente Geisel de que as instituições nacionais são meras cópias colhidas em países estrangeiros. Que diriam Pontes de Miranda, Seabra Fagundes, José Honório, para quem "nossas instituições fariam hora a nações seculares?" Assinalando que o General Geisel colocou-se como o supremo juiz frente às nossas instituições. Brossard criticou o sistema presidencial de Governo, que, a seu ver, "tem dado maus resultados e ainda dará péssimos". E considerou que "o General Geisel é a mais robusta encarnação do poder pessoal, em toda a história do País". No seu entender, "em relação a ele, Geisel, Pedro I, Washington Luiz e Getúlio Vargas, em matéria de autoritarismo, não passariam de crianças em idade escolar".

A essa acusação, respondeu Eurico Rezende indignado: "O senador Brossard tem o deslante e a desenvoltura para não dizer a levandade de dizer isto em pleno Congresso Nacional". E repetiu várias vezes a expressão de Brossard: "O General Geisel, a mais robusta encarnação do poder pessoal de toda a história do País?" Para ele, esta afirmativa do líder emedebista "reflete não um grau de paixão política. Isto já coloca o ódio, esclerosado, joga como lixo indesejável uma inverdade nos anais desta Casa. Ninguém que não tenha ódio no coração pode fazer uma afirmativa como esta". Se isso não fosse dito por um homem possuidor de boa saúde física e mental, diríamos que é conceito partido de um demente". Rezende repudiou a comparação de Geisel com Getúlio: "Ora, o presidente Geisel, segundo ele, superou Getúlio Vargas em autoritarismo. Quando se quer caracterizar um regime abominável, as novas gerações tem o exemplo do Estado Novo, a grande noite, os porões, as violências. O Estado Novo que não se contentou em suprimir tudo o que havia de democracia neste País". Lembrando que a Revolução de 64, manteve o Congresso aberto e Judiciário em funcionamento, Rezende acusou Brossard de deixar-se arrastar pela vaidade, quando investe, com tanto ódio, contra o Presidente da República.

Admitiu que a anistia será examinada pelo Governo, após as reformas. "Identifica-se, então nessa parte do discurso - disse Rezende - o oportunismo de S. Exa., ou o desejo estratégico de não causar problemas nos arraiais mais agitados do seu partido. Mas de qualquer maneira, ele deverá manter seu ponto de vista contrário à anistia ampla e irrestrita, já antecipado aos jornais". Brossard fez o elogio do senador Magalhães Pinto, "a voz de Minas". Rezende lembrou que Magalhães foi um dos signatários do AI-5 e assinou várias cassações. Quanto a esse elogio, disse Rezende: "Obedeceu a uma estratégia meramente política e no dorso de um fingimento completo". Após debater a questão institucional, Brossard derivou para temas variados, como o escândalo dos cheques administrativos do Banco Econômico, o movimento em São Paulo contra a carestia, as manifestações do Coronel Tarcísio, política salarial.

O Senador Eurico Rezende utilizou-se de uma frase de Brossard ao encerrar seu discurso: "O presente vai empurrando a porta do futuro". "É verdade - disse ele - Para isso, o Presidente Geisel está rompendo as barreiras. Já reconheceu publicamente que as condições de segurança do país se alteraram para melhor e que os novos tempos permitem a revogação das medidas de exceção. Daí porque, devemos todos nós reconhecer o fato auspicioso e aplaudir-lo. A revolução atravessou todas as barreiras e em breve oferecerá ao país um estado com uma nova feição, em que convivam os altos interesses do cidadão com os deveres do Estado, fatores determinantes da ordem pública e da tranquilidade social, sem o que não haverá nenhum trabalho válido em favor deste país".